

RELATÓRIO DE VIAGEM

Evento: European Dialogue on Internet Governance (EuroDIG) 2022

Período: 21/06/2022 a 22/06/2022

Participante: Rafael Evangelista

1. OBJETIVO

Representando a comunidade técnico-científica brasileira, e como conselheiro do Comitê Gestor da Internet (CGI.br), conhecer e participar do European Dialogue on Internet Governance (EuroDIG) 2022. O EuroDIG é o fórum preparatório europeu para o Internet Governance Forum. É o equivalente europeu ao Fórum da Internet no Brasil

2. PRESENÇA EM SESSÕES

21/06/2022

- Focus Area 1, Subtopic 1: The European vision of digital sovereignty: From principles to action
- Focus Area 1, Subtopic 2: Digital Sovereignty impact on the Internet infrastructure
- Focus Area 1, Subtopic 3: Digital sovereignty – is Europe going in the right direction to keep Internet infrastructure secure and open?
- Keynote: Thomas Schneider, President EuroDIG, Swiss Government, Ambassador; Mark Carvell, Independent Internet Governance Consultant and Member of EuroDIG Support Association
- Focus Area 2, Subtopic 1: A new European regulatory regime: What are the Dos and Don'ts?
- Focus Area 1, WS 3: International Connectivity: European Data-Gateway Platforms and the Global Gateway

22/06/2022

- Focus Area 3, Subtopic 1: Regulating emerging technologies: artificial intelligence and data governance
- Focus Area 3, Subtopic 2: The multi-stakeholder model: from its origins to its future
- Focus Area 3, Subtopic 3: Upcoming digital identity initiatives impacting your live
- Focus Area 4, Subtopic 2: Sovereignty and the Internet: a risk of fragmentation
- Focus Area 4, Subtopic 1: Responding to disinformation in times of COVID-19 and geopolitical conflict

3. REFLEXÕES/APONTAMENTOS

Primeiro gostaria de destacar algumas impressões gerais quanto ao evento. Causou-me espanto a pequena participação do público no evento. Decerto que o formato híbrido de muitas das sessões (em que quase a totalidade dos palestrantes não estava fisicamente presente) contribuiu para isso. Mas, ainda assim, causa espanto a baixa participação da sociedade civil, o que certamente abala a ideia de um multissetorialismo vivo, que é bastante importante para o sistema de governança da internet. Boa parte do público formou-se de funcionários de agências governamentais ou instâncias da União Européia. A exceção foram os participantes do programa Youth. Se comparado ao EuroDIG, o FIB é um evento muito mais vivo e participativo, tratando de temas estruturalmente bastante similares (inteligência artificial, soberania digital, desinformação), porém distintos dada a capacidade da sociedade civil de sugerir temas no FIB e as especificidades de um país de Sul Global.

Passando a alguns comentários sobre o evento, a primeira sessão destacou-se como uma das mais importantes. De título “The European vision of digital sovereignty”, participaram da sessão Werner Stengg, EU Commissioner for Competition; Francesca Bria, presidente do Italian National Innovation Fund; Alberto Di Felice, director para Infrastructure, Privacy e Security da DigitalEurope; e Fanny Hidvegi, Director of Europe Policy, Access Now. A sessão foi marcada por interpretações sobre a “preservação de valores europeus” e sua possível sintonia com a transformação digital.

Seguindo essa discussão, a apresentação mais interessante foi de Francesca Bria. Ela buscou congrega a ideia de soberania digital com democracia. Dividiu o cenário atual em dois modelos, o Chinês e o do Vale do Silício, um do Big State e outro das Big Techs. “Tenho falado abertamente que a Europa tem de fornecer uma terceira via, que é a Big Democracy, apresentando assim a nossa própria forma de soberania digital, que deve estar enraizada nos direitos constitucionais dos cidadãos protegendo o seu quadro constitucional, o direito à privacidade, o direito à informação e à auto-determinação, mas também amplamente, sim, à democracia, ao Estado de direito, à participação dos cidadãos”. A isso, ela somou políticas de investimentos robustos, de modo a formar os campeões digitais europeus em setores que a Europa já se daria bem, como “biotecnologia, tecnologias de saúde”, mas falou também em investimentos fundamentais, “as infraestruturas digitais públicas que a Europa está desenvolvendo, como um sistema de identificação digital, o sistema de pagamento digital, talvez um euro digital, isso fornecerá a arquitetura de um tipo de mercado digital europeu”. Com isso, as empresas cresceriam por um lado e “do outro os cidadãos ter plenamente seus direitos, seus direitos de cidadania na era digital”.

O contraponto foi feito por Alberto di Felice, falando pelos empresários. Ele criticou o uso do termo soberania, que não seria bem-visto, um nome impreciso. Para ele, os europeus não tem um problema de soberania digital, o continente seria soberano. O problema seriam as regras atuais, que talvez não sejam adequadas, e que precisam ser discutidas.

Quero destacar duas outras discussões, acontecidas no dia 22.

Uma se refere à possível fragmentação da internet. A mesa teve como participantes Peter Koch, Senior Policy Advisor, DENIC eG; Jurgita Miseviciute, Head of Public Policy and Government Affairs, Proton AG; Esteve Sanz, Head of Internet Governance Sector, DG CNECT, European Commission; e moderação de Vittorio Bertola, Head of Policy & Innovation, Open-Xchange AG. Bertola descreveu a discussão dizendo que “refere-se à ideia de que a internet que se destina a ser uma rede global se fragmentará em lascas, quebrando-se em partes que não se comunicam entre si e reduzindo as capacidades de comunicação entre si”.

O que cabe destacar de diferente nessa discussão, que tipicamente tem girado em torno de iniciativas governamentais de bloqueios da rede por questões de segurança nacional (ou de pedidos de isolamento de países como sanção em guerras), é a ideia de que o setor privado também tem fragmentado a Internet. Isso se daria, principalmente, pela força econômica de alguns atores na construção e manejo de infra-estruturas. A resposta a isso, externada por Esteve Sanz, é o financiamento de alternativas que favoreçam a descentralização.

Quero finalmente comentar sobre a sessão Responding to disinformation in times of COVID-19 and geopolitical conflict. Na mesa estavam seis pessoas, de diversas iniciativas europeias para combate à desinformação, principalmente fazendo esforços de fact-checking. Apresentaram ações, algumas delas sendo tomadas em conjunto com as plataformas. Um dos participantes, Mathias C. Kettemann, da Leibniz Institut for Media Research, inclusive disse que a responsabilidade de combate é das plataformas, ainda que auxiliadas por “forças democráticas. Eric Scherer, Chair of

EBU News Committee, fez um contraponto a isso, dizendo que não é missão do jornalistas “ limpar o estábulo de Facebook e YouTube”, chamando as redes sociais de irresponsáveis.

Mas, como pesquisador do tema, o debate em geral foi decepcionante, pois deixou de abordar algo que aponto como central no processo de desinformação, que é o financiamento da produção de informação de má qualidade pelas plataformas.